

O FRANCISCO

Há uns bons anos atrás, um homem, aí pelos trinta anos de idade, visivelmente transtornado, pediu-me para observar o filho que havia nascido três dias antes. Tinham-lhe dito, na maternidade, que o bebé era portador de Trissomia 21. A mulher, muito triste, pode dizer-se deprimida, estava sentada na sala de espera da instituição onde trabalhava e, completamente alheada do ambiente circundante, olhava, ainda incrédula, para o bebé, muito calmo, que dormia profundamente na alfofa. Alguém lhes tinha dito que eu acompanhava estas crianças. O bebé, chamado Francisco, era neto e sobrinho de reputados pediatras e eu percebi, de imediato, que não era procurado pelas minhas qualidades técnico-científicas, mas por ser pai, também, de uma rapariga com Trissomia 21. Este fenómeno está amplamente descrito na literatura da especialidade. O pai do Francisco impressionou-me desde logo. Talvez pela aceitação muito precoce da doença do bebé. Ou talvez pela sua postura invulgarmente franca, determinada e recta. Nesse mesmo dia, o Francisco foi observado pela Cardiologia Pediátrica. Pouco depois, fomos informados de que o Francisco tinha uma doença cardíaca congénita muito grave. Esta notícia deixou o pai muito triste e consternado e o impacto da mesma foi claramente violento. O Francisco e o pai não me saíram mais da cabeça. Como é muito comum nas crianças afectadas por esta doença, as infecções, sobretudo respiratórias, repetiram-se e o pai, aflito, telefonava-me com frequência. A maior parte das vezes, era a minha mulher quem atendia. Ela também é médica, embora de uma especialidade diferente, e consegue, quase sempre, solucionar, de uma forma satisfatória, os pequenos problemas. Mas com quem ele gostava realmente de falar, não sei bem sobre quê, era com a minha filha Maria Teresa. Lá se entendiam, sabe Deus como, por longos minutos. Uma vez, por causa de um congresso sobre Trissomia 21, realizado num fim de semana, fomos todos a Castelo Branco, cidade onde residiam. Durante o

tempo disponível, esquecido de todos nós, ele, que era um dos organizadores da reunião, só brincou com a Teresa, genuinamente fascinado pela sua maneira de ser e também, tenho a certeza, pelas suas trapalhices. Por volta dos sete meses de idade, numa outra instituição hospitalar, o Francisco foi operado ao coração. Infelizmente, as coisas não correram da melhor maneira e o pós-operatório complicou-se. Foi uma lenta agonia com a duração de dois meses. Um dia, o pai telefonou-me e disse-me que o Francisco tinha morrido. De um modo geral, nestas ocasiões, tenho uma grande presença de espírito, mas, desta vez, comovido, fiquei completamente bloqueado e não consegui expressar-lhe uma única palavra de conforto. Após um longo silêncio, lá disse as coisas do costume. A maior parte das pessoas pensa que a morte de um filho com deficiência é um alívio. Poderá ser, de facto, um alívio, mormente de natureza social, se tivermos em conta a insegurança que a deficiência determina, sobretudo relacionada com o envelhecimento dos pais, mas a morte de um filho com deficiência, no plano afectivo e emocional, é sempre a morte de um filho. Nessa noite, nem eu nem a minha mulher conseguimos dormir um só instante. Tentei compreender o que este pai tinha de diferente. Para mim, para além da sua lhanza, bondade, generosidade e de outros bonitos traços de carácter, foi talvez a sua imensa ternura pelo Francisco, aliada a uma grande capacidade para compreender, desde muito cedo, que a doença, inexplicável e vergonhosamente estigmatizada por muitas pessoas, era um aspecto meramente secundário ou acessório.

Uns meses depois, lá no hospital, o pai apareceu-me numa cadeira de rodas. Estava internado na Ortopedia devido a uma fractura óssea de origem traumática, relacionada com uma pega tauromáquica mal sucedida (disseram-me que ele era um dos mais conhecidos forcados do país). Estava angustiado e compreendi, de imediato, que alguma coisa não corria bem. Não adiantou, espontaneamente, quaisquer razões que me ajudassem a compreender o seu estado de alma e eu entendi que não

era conveniente, nem prudente, naquela altura, conversar sobre o que o afligia. Fiquei preocupado. Inevitavelmente, falou-se do Francisco e mais uma vez fiquei impressionado pela sua invulgar postura moral. Prometeu-me que, mais tarde ou mais cedo, se iria fazer uma tourada para ajudar as crianças com Trissomia 21. Menos de doze meses depois, deitou mãos à sempre árdua tarefa de organizar o evento. Ainda tentei demovê-lo, mas a sua forte determinação venceu-me e convenceu-me. Coordenou uma equipa constituída por gente excepcional e generosa. Conseguiu-nos abrir inúmeras portas, algumas delas cronicamente encerradas. Dias antes da tourada, embora naturalmente apreensivo com o sucesso da mesma, pude verificar que tinha rejuvenescido e que estava bastante mais animado e positivo. Perguntei-lhe, então, como se sentia. "Sinto-me muito bem". Fez uma curta pausa e continuou "mas tenho muitas saudades do Francisco".